

Corpos negros no telejornal - além da editoria de polícia¹

Mario Jorge GONZAGA JUNIOR²

Jussara MAIA³

Daniela MATOS⁴

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, UFRB

RESUMO

Esse artigo examina o modo como o telejornal local Bahia Meio-Dia, da TV Bahia/Globo, constrói narrativas aparentemente antagônicas sobre a juventude negra. Apesar de repetir a tendência da mídia hegemônica, de vincular jovens negros a pautas de segurança pública, a análise cultural do noticiário faz ver que a construção da juventude negra como violenta e assustadora é tensionada por formulações que acionam outros marcadores, tais como o lugar da formação para o mundo do trabalho e da inserção no campo artístico-cultural. Desse modo, nos interessa observar o que podem essas aberturas, o que oferecem em termos de manutenção das formas de controle e coerção e o que deixam escapar e, portanto, expressam lutas que se dão por meio de corpos, valores e sensibilidades juvenis.

PALAVRAS-CHAVE: juventude negra; narrativas, telejornal; disputas: tensionamentos

INTRODUÇÃO

A reflexão aqui proposta parte da observação de lutas que se dão na linguagem, inscritas em formas comunicacionais hegemônicas do telejornalismo, numa sociedade em que o racismo é estrutural (ALMEIDA, 2018), integrado à necropolítica (MBEMBE, 2018), compreendida como tecnologia que exerce seu biopoder na regulação que se dá por meio da valoração dos corpos negros. O material empírico é o telejornal Bahia Meio-Dia, exibido na TV Bahia/Globo, um dos líderes de audiência no horário, numa concorrência acirrada com noticiários que destacam as pautas de segurança pública. Os achados analíticos integram a dissertação de mestrado Juventude Negra na Televisão Baiana: uma análise dos discursos e sentidos nos telejornais da TV Bahia e da Record TV Itapoan, desenvolvida por Mário Jorge Júnior. A pesquisa já realizada buscou

¹ Trabalho apresentado no GP Estéticas, Políticas do Corpo e Gênero- XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutorando do PÓS-CULTURA, UFBA, e-mail: marjor87@gmail.com

³ Docente do PPGCOM/UFRB, e-mail:jussaramaia@ufrb.edu.br

⁴ Docente do PPGCOM/UFRB, e-mail: daniela.matos@ufrb.edu.br

compreender quais as disputas em torno do que é dito e silenciado nos telejornais da TV Bahia (Jornal da Manhã, Bahia Meio-Dia, BA TV) e da Record TV Itapoan (Bahia no Ar, Balanço Geral, e BA Record), referente aos jovens negros, e o que os sentidos construídos podem revelar sobre nossa conformação social e sobre os modos de construção de uma compreensão sobre juventudes.

Os achados apontam a ratificação de uma chave central que apresenta e constitui o jovem negro como sujeito violento, embora com nuances e graus de intensidade diferenciados entre as emissoras e mesmo entre os diferentes telejornais. Na TV Bahia o grau do popular e da ênfase policial adquire nuances mais suavizadas em relação ao que é feito na Record, pois no caso da TV Bahia existe uma relação com uma posição editorial e com o perfil de seu público que tem valores mais conservadores em relação à questão da violência. No caso da Record TV Itapoan concluímos que os telejornais têm a pauta de violência como central, apesar de especificidades que variam de acordo com a faixa horária, ou seja, apesar de seguirem a mesma linha editorial, a forma dos telejornais reportarem segue uma concepção prévia sobre o modo como esses programas apreendem o seu expectador. A naturalização dos noticiários em relação ao extermínio da juventude negra é aqui entendida como parte de um projeto de necropoder que visa à perpetuação de privilégios da elite, do racismo e da desigualdade social, pois, conforme Muniz Sodré (1999), “o racismo modula-se e cresce à sombra do difusionismo culturalista euro americano e do entretenimento rebarbativo oferecido às massas pela televisão e outros ramos industriais do espetáculo” (p. 244).

Diante do quadro já apresentado, a reflexão proposta nesse artigo é impulsionada por algumas inquietações: como escapar dessas “imagens de controle” (COLLINS, 2019) já tão cristalizadas e que constroem a condição juvenil, especialmente de pessoas negras? Há possibilidade de tensionamento das narrativas telejornalísticas formuladas no âmbito da comunicação massiva empresarial? Como ela se expressa? Para esse exame propomos um recorte no material empírico já coletado, portanto, centramos o olhar na situação comunicativa oferecida pelo Jornal Bahia Meio-Dia, da Tv Bahia, afiliada da Rede Globo de Televisão, aquele que na observação anterior ofereceu algum espaço de tensão, apresentando algum grau de disputa entre as diferentes construções narrativas.

A comunicação é observada a partir da teoria cultural de Jesús Martín-Barbero (2006) que destaca o funcionamento das mediações socioculturais, ao refletir sobre o sentido social dos meios e seu modo de atuação na constituição de sentidos, valores,

afetos, sensibilidades que oferecem possibilidades de reconhecimento, por meio da noção de popular. Neste sentido, a formulação de discursos sobre jovens envolve também a construção da memória sobre esses sujeitos e revela aspectos da cultura e da experiência social contemporânea, que operam na constituição dos telejornais. “A TV detém grande responsabilidade, pois, é por excelência muito mais formadora de imaginários coletivos a partir dos quais os indivíduos se reconhecem do que simples instrumento de ócio e diversão” (MARTÍN-BARBERO, 2006, p.233).

O foco sobre a linguagem telejornalística está relacionado à importância do gênero televisivo como estratégia de comunicabilidade, acionamento de formas de leitura, de expectativas do público e de uma ideia específica de popular por parte das emissoras baianas (MARTÍN-BARBERO, 2006). Considerando a rota delineada no mapa das mediações, elaborado por Jesús Martín-Barbero (2006), estas reflexões e exercício analítico se afastam de uma perspectiva tecnicista e funcional dos meios de comunicação de massa e voltam-se para as mediações como “lugares dos quais provêm as construções que delimitam e configuram a materialidade social e a expressividade cultural da televisão” (p. 294). Mas volta-se, especificamente para a mediação das tecnicidades que apontam para a textura social da técnica por meio de operadores que conformam as percepções e organizam discursos, vinculando construção discursiva, práxis política, cultura e estética.

Pensar o jornalismo enquanto instituição social, no Brasil, implica observar sua operacionalização e expectativas e o modo como é configurado em suas interações com as noções de debate público e vigilância pública; a perspectiva liberal sobre o papel democrático da mídia; a noção de quarto poder, em que está implícita a autonomia da imprensa em relação ao governo, o direito à liberdade de expressão e o compromisso com o interesse público; o caráter público ou privado da empresa jornalística. (GOMES, 2011). Assim, tomar o jornalismo como uma instituição social é pensá-lo enquanto construção social, na qual se articulam variadas dimensões, sejam elas, técnica, social e cultural, que contribuem para o modo como o jornalismo é socialmente aceito. Esta perspectiva se mostra produtiva para o estudo do jornalismo também porque “ajuda a pensar o telejornalismo, e o jornalismo, não como uma esfera midiática que transmite os acontecimentos do mundo para um determinado público, mas como uma instância mediadora” (GUTMANN, 2012, p. 189).

Estudos Culturais - Tensões e Contradições

Os Estudos Culturais assumem e se fundamentam numa perspectiva contextual e situada, isto é, observam como a cultura se articula à sociedade através do seu caráter político e econômico, ou podemos ainda dizer, que como adquire uma forma concreta, uma materialidade, dependendo de um contexto determinado, o que orienta que esta também deve ser uma característica da análise cultural do jornalismo (ESCOSTEGUY, 2012, p. 35). A partir dessa compreensão, nossa intenção é realizar uma análise cultural dos objetos desta pesquisa, tomando como principal referência os trabalhos produzidos no âmbito dos Estudos Culturais.

A pesquisa de Raymond Williams é observada como eixo fundamental para os estudos culturais na reconfiguração do conceito de cultura. Para o autor, a cultura é uma categoria chave de investigação social e pode ser concebida “como todo um processo social no qual os homens definem e modelam todas as suas vidas” (WILLIAMS, 1979, p.111). Ou seja, é o modo de vida que abrange práticas de resistência e lutas, como um sistema heterogêneo de significados partilhados que organiza as relações travadas no terreno social, possibilitando aos indivíduos dar sentido às suas trajetórias.

A perspectiva teórica e metodológica dos estudos culturais tem por base uma interconstituição do projeto intelectual/artístico/cultural e a formação sócio-histórica em que se dá a produção. O esforço é no sentido de fazer a articulação entre a experiência do vivido cujos sentidos das práticas culturais estão inscritos nas produções textuais e as condições em que se conformam, a partir da historicidade de estruturas sociais mais amplas. O desafio é aprofundar a compreensão para pensar um tipo de determinação não determinista da cultura pela base econômica. O caminho constituído partiu do materialismo histórico para o materialismo cultural e aponta a cultura, enquanto inteiro modo de vida, como arena do embate entre a determinação, como o exercício da hegemonia que se expressa nas pressões e limites, e a agência humana.

A trajetória do trabalho de Martín-Barbero (2006), com a cartografia do popular na constituição do massivo, integra o movimento que operacionaliza diferenças marcantes entre dominação, como a repressão bruta, os tanques de guerra, e a hegemonia, feita de tensões, mas também de cumplicidade, de sedução, de fascinação, ou seja, algo nos dominados trabalha a favor do dominador. É neste sentido que o autor evoca uma noção de “trama, entrelaçamento de submissões e resistências, impugnações e cumplicidades” (MARTIN-BARBERO, 2006, p. 278).

A proposição do pesquisador é de que não se pode medir a importância dos meios de comunicação, principalmente a televisão, em si mesma, sem levar em conta a construção do mundo, as relações estabelecidas entre as pessoas, e entre elas com o meio. As investigações sobre mediações são parte também de uma crítica às pesquisas focadas no “midiacentricismo” e no “ideologismo” (MARTÍN-BARBERO, 2006). O autor explica o seu entendimento de mediações culturais:

Eu, desde o começo, por intuição, me opus à visão hegemônica, norte-americana, de estudar os efeitos dos meios. Eu não negava a importância dos meios, mas dizia que era impossível entender a importância, a influência nas pessoas, se não estudássemos como as pessoas se relacionavam com os meios. O que eu comecei a chamar de mediações eram aqueles espaços, aquelas formas de comunicação que estavam entre a pessoa que ouvia o rádio e o que era dito no rádio. [...] Mediação significava que entre estímulo e resposta há um espesso espaço de crenças, costumes, sonhos, medos, tudo o que configura a cultura cotidiana (MARTÍN-BARBERO, 2000, p. 153 e 154).

A partir da cartografia produzida por Martín-Barbero, o analista investiga como a hegemonia é disputada no modo como a experiência social do passado é configurada, a partir da atuação de instituições e da inscrição de trocas sociais cotidianas, constituídas de variadas temporalidades da herança cultural. Os textos⁵ são analisados como lugar em que é possível perceber a potência de discursos de institucionalidades específicas, relacionadas às matrizes da cultura, junto à produção, numa arena em que comunicação, cultura e política estão enlaçadas. As relações sociais inscritas nos objetos culturais convocam a recepção, enfatizando socialidades que interpelam indivíduos à condição de sujeitos, constituindo sentidos e, assim, construindo e atualizando a existência social.

Na outra ponta da diacronia desenhada no mapa, os formatos industriais ocupam uma posição mista de futuro e presente porque dialogam com as matrizes como seu polo diacrônico, enquanto constroem as formas comunicacionais com uma seleção de sentidos, sensibilidades e percepções do agora, que ainda está em processo na experiência social. Investigadas como formatos, as produções expressam e constituem a seleção de discursos e identificações sociais de experiências matriciais, construindo e configurando com suas

⁵Empregamos o termo para fazer referência às dimensões mais amplas das textualidades e sua relação com os processos comunicacionais que envolvem a constituição de presença, afetos e materialidades (LEAL, 2018) e a sua concepção como parte de uma rede textual com elementos verbais e não verbais (ABRIL, 2014) conforme detalharemos à frente.

tecnicidades a percepção, sensibilidade, sentidos e modos de consumo. Os formatos industriais são, assim, orientados por estratégias de consumo das produções que constroem e são construídas na relação com ritos implicados no tipo de interação de tempos e espaços, do cotidiano da recepção, suas formas de olhar, ver e ler.

Com Martín-Barbero (2008), analisamos a hegemonia da comunicação como processo que inscreve o mercado na sociedade, inicialmente através das mediações socioculturais, a partir do mapa noturno em que a cotidianidade familiar, a temporalidade social e a competência cultural orientam o olhar do analista sobre o gênero, como estratégia de comunicabilidade. Mas as indicações do mapa avançam e os eixos e traços de uma cartografia ganham mais espessura e densidade, orientando um duplo movimento no tempo, com o movimento diacrônico, das matrizes culturais aos formatos industriais, e em sincronia, na ligação imbricada das lógicas da produção com as competências da recepção. Interessa ao autor, e a esta pesquisa, pôr em relevo a política por meio de conflitos que tendem a ser tratados como marcas residuais de ambiguidade. “Afinal, o político é justamente a emergência da opacidade do social enquanto realidade conflitiva e cambiante, emergência esta que se realiza através do incremento da rede de mediações e da luta pela construção do sentido da convivência social” (p. 284)

Em diálogo com Walter Benjamin, Martín-Barbero (2008) observa a técnica de modo conectado a “transformações do *sensorium*, dos modos de percepção e experiência social. A tecnicidade nomeia então o que na sociedade não é só da ordem do instrumento, mas também da ordem da sedimentação de saberes e da constituição das práticas” (MARTÍN-BARBERO, 2002, p. 235). Com o acento nesses aspectos, a questão instalada por essa mediação convoca a observação dos termos em que discursos e práxis política se vinculam ao estatuto social da técnica na conformação da linguagem. As tecnicidades guiam a análise do telejornal para perceber como, ao fazer cobertura vinculada a jovens, foco desta pesquisa, sua configuração atua também na constituição de “um organizador perceptivo: aquilo que nas práticas articula a transformação material à inovação discursiva” (p. 235).

Juventude Negra na cena do BMD

Desse modo, trazemos para debate o telejornal Bahia Meio-Dia, a partir das marcas técnicas, sociais e culturais que o compõem. O noticiário é exibido de segunda a sábado, pela TV Bahia às 11h45, tem três blocos e aproximadamente 1h e 10 minutos de duração. Para este trabalho foram analisadas 24 edições, que correspondem a 28 horas de

programa, ao longo de quatro semanas, nos meses de janeiro, fevereiro, junho e julho de 2019. A coleta do material se deu a partir do método de mês construído⁶ e sua categorização inicial em editoriais apresentou o seguinte resultado: entre 248 matérias veiculadas no período, 30 pautaram o/a jovem e/ou a juventude, representando aproximadamente 12% em termos de recorrência, o que sinaliza uma baixa presença da condição juvenil no discurso do telejornal.

É importante registrar que em 2018, o BMD mudou com a contratação da jornalista Jéssica Senra, como nova editora e apresentadora do programa. A jornalista que tinha se destacado ao longo dos 5 anos em que atuou como apresentadora da Record TV Itapoan, emissora cuja linha editorial mantém a ênfase em pautas policiais, como já mencionado, foi disputada pela concorrente e a TV Bahia fez campanha publicitária para atrair a audiência com a mudança. Desse modo, inserimos uma referência ao seu programa de estreia, apesar de estar fora do período definido para a coleta do corpus, já que houve mudanças marcantes no telejornal, definindo uma relevante transformação editorial.

No programa de estreia de Jessica, veiculado em 07 de maio de 2018, foi exibido um fala povo com 13 pessoas falando sobre o que gostariam de assistir no “novo” Bahia Meio Dia. As respostas envolveram temas como: saúde (1) tempo (1) desemprego (2), transporte público (2), notícias boas (2) e criminalidade (5). O elevado valor notícia das pautas policiais é apontado por uma entrevistada que responde: “A maior preocupação do povo é a violência”. Mas na afiliada da Globo, a crítica social em torno dessa questão emerge por meio da declaração de uma jovem negra: “Eu quero ver coisas boas. Detesto ver esses meninos sendo presos, dá uma dor no coração”. A fala da entrevistada tensiona aquela que é principal característica dos programas televisivos baianos no horário do almoço, em que a violência urbana adquire uma centralidade. Jéssica concorda e faz autoavaliação: “Tem muita coisa positiva que o jovem está fazendo e a gente poderia mostrar, né?”. E a entrevistada enfatiza: “isso não aparece, mas deveria aparecer” (BMD, 7/5/18).

O gancho dado por uma das entrevistadas e o assentimento da apresentadora é uma chave importante para o problema que queremos enfrentar aqui. “A gente podia mostrar, né?”, essa fala da jornalista, de certo modo, ratifica também o nosso ponto de

⁶ A proposta inicial era seguir, com uma semana em cada mês subsequente, mas não foi possível o acesso aos telejornais completos, nos meses de março, abril e maio.

partida: essa “coisa positiva” não costuma aparecer, não ocupa espaço significativo. E funciona, também, para comprometer a jornalista, a emissora e o programa com algum grau de abertura. São exatamente esses possíveis movimentos que queremos encontrar. O diálogo ainda aponta para uma ponderação e o acolhimento à crítica da audiência à prevalência de pautas policiais e opera também mais como um modo de desqualificar o Balanço Geral, programa da TV Record, com o qual o BMD concorre, emissora em que Jéssica Senra atuava na mesma faixa horária, em outro telejornal.

Mas o nexó entre juventude e violência é também recorrente no BMD, como comprova o levantamento das notícias que tiveram a participação de jovens, no quadro abaixo. Das trinta matérias exibidas que envolveram jovens, 53% tinham questões policiais e de segurança como tema, enquanto 47% buscavam priorizar construção fora do domínio da violência, nesse conjunto alternativo encontramos duas principais abordagens: juventude como período da vida prioritariamente associado à educação e preparação para o mundo do trabalho (30% da amostra) e a pautas sobre práticas culturais e entretenimento (17%). Diante desse panorama, a proposta analítica aqui empreendida busca identificar o que é chamado em causa para compor as abordagens que não se relacionam com a violência, de que modo os jovens e as juventudes ocupam esse espaço comunicacional, o que tensionam e que dimensões estão em disputa.

Educação e Mundo do Trabalho

Com a categorização inicial identificamos 9 matérias em que a experiência juvenil é construída a partir de uma relação prioritária com a condição de estudante e/ou sua preparação para o mundo do trabalho. Para análise destacamos 02 reportagens significativas desse conjunto: 1) sobre a participação de estudantes baianos em competição de mecatrônica, na Rússia (14/1/19), com 4 minutos e 59 segundos de duração e 2) sobre vagas de estágio com intermediação pelo CIEE (14/1/19), com 3 minutos e 21 segundos de duração.

A reportagem sobre os estudantes baianos selecionados para representar o Brasil numa competição internacional de habilidades (Fig.1), na modalidade mecatrônica, apresenta um tom bastante festivo, sorridente a apresentadora abre a reportagem dizendo “conhecimento aliado a força de vontade foram fundamentais para esses jovens chegarem a esse objetivo”. Em seguida a repórter passa a elencar as qualidades individuais dos garotos Edmilson e Ítalo, tais como curiosidade, vontade de aprender e persistência, e

menciona semelhanças nas suas histórias de vida. A reportagem repete uma estratégia comunicacional bastante comum nos meios hegemônicos, focar e celebrar histórias individuais, “cases de sucesso” oferecendo pouco contexto no que diz respeito, por exemplo, ao fato de serem alunos de escolas técnicas mantidas pelo Sistema “S”, sendo assim uma instituição de direito privado, porém de interesse público e sem fins lucrativos que oferece gratuitamente ensino e formação com elevada qualificação, em patamares superiores ao das escolas públicas estaduais e municipais.

A narrativa de esforço individual, talento e merecimento é sustentada discursivamente pela repórter e pelos jovens. Na parte final há uma rápida participação da professora que coordena a delegação e amplia brevemente o feito, informando que 4 alunos de escolas da rede Senai foram selecionados em outras modalidades. Há também um forte acento à dimensão do “orgulho”, termo usado efusivamente pela mãe de um dos garotos e pela apresentadora já no estúdio, no encerramento da matéria. As imagens produzidas pela reportagem exibem os meninos fardados, intencionalmente para o registro audiovisual, visto que estão em ambiente doméstico, o que nos chama atenção para o valor do uniforme escolar na expressão da sua condição juvenil que é tomada de forma integral pela condição de estudante, há um deslizamento do sentido entre ser jovem e ser estudante, o que, de algum modo, limita a condição juvenil.

Para a segunda reportagem desse conjunto (Fig. 2), a apresentadora já inicia com uma convocação “Você que é estudante, aqui de Salvador, Lauro de Freitas, Simões Filho, mais de 500 vagas de estágio estão sendo oferecidas (...)” e segue indicando que a reportagem irá orientá-los em como concorrer a uma delas. Já a repórter afirma que os jovens estão atendendo ao chamado das empresas e segue entrevistando um deles, que aparece ao seu lado na sala de espera de uma empresa de intermediação de mão de obra, na capital. A cena é composta pela repórter e 7 jovens, sendo apenas um deles um jovem branco, que é o personagem central da matéria. Novamente, o deslizamento conceitual entre jovem e estudante é percebido na estratégia discursiva. Uma parte da condição juvenil, ser estudante, é tomado como o todo. Aqui também há uma forte articulação da formação escolar como etapa de preparação para o mundo do trabalho, ou seja, para o mundo adulto, no senso comum, o mundo de responsabilidades, no qual as experimentações e pulsões das juventudes não são bem-vindas. O texto cultural aqui apresentado reforça essa formulação nas palavras do supervisor entrevistado, para quem

o estágio representa “um ganho de conhecimento, um ganho de prática e o momento de se inserir no mercado de trabalho”.

Fig. 1 – Baianos no Word Skills



Fonte: <https://globoplay.globo.com/v/7298330/>

Fig.2 – Estudantes em busca de estágio



Fonte: Link: <https://globoplay.globo.com/v/7298451/>

Essa reportagem reitera uma outra prática comum, de acionar uma voz do mundo adulto para ratificar a fala do jovem. Após uma conversa com Matheus - personagem principal da matéria - na qual ele explicita seus planos, seus desejos e motivações de estar ali, a repórter se dirige ao supervisor da empresa e pergunta “O Matheus está pensando da forma certinha”, que confirma: “Sim, ele está”. Essa interação funciona como uma espécie de tutela do mundo adulto, que então, ratifica a partilha de sentidos feita pelo estudante um pouco antes.

As duas reportagens ainda demonstram a relação da TV Bahia com instituições ligadas aos segmentos do comércio e da indústria com vínculos com a Fundação Roberto Marinho. Estas abordagens se conectam ao paradigma dos jovens como sujeitos em preparação para o futuro que toma “a educação como política de excelência” (ABRAMO, 2005, p.20) que deve ser dirigida ao jovem, mas também subsume a condição juvenil a esse aspecto do ser em formação, o que também acaba por fraturar sua experiência enquanto sujeito integral no momento presente, há uma dimensão de incompletude acionada, como se a vida real fosse aquela que vai chegar, num futuro, deslocado do hoje.

Heranças e Diásporas nos Corpos

Outro assunto acionado pelo BMD que orienta o modo como a juventude aparece é a partir de coberturas de caráter artístico e cultural, examinadas como parte de um complexo processo de negociação em que a noção de prazer é atravessada pela potência de atuação política sobre a questão do racismo, ativando o lugar de tensionamento da hegemonia. Neste sentido, existe um valor cultural, uma força de representação, que observa a experiência da cultura baiana como um modo de ativação política, principalmente quando se trata da cultura negra.

Stuart Hall (2003) destaca o caráter contraditório da cultura popular negra presente em todas as culturas populares modernas e chama atenção que se por um lado, o alto modernismo e o pós-modernismo não deram conta da realidade da questão da cultura popular negra, por outro lado abriram espaço para as culturas e os grupos étnico-culturais se construírem e se desenvolverem, ainda que em contextos de contradições, de disputas, de lutas e resistências.

Não importa o quão deformadas, cooptadas e inautênticas sejam as formas como os negros e as tradições e comunidades negras pareçam ou sejam representadas na cultura popular, nós continuamos a ver nessas figuras e repertórios, aos quais a cultura popular recorre, as experiências que estão por trás delas. Em sua expressividade, sua musicalidade, sua oralidade e na sua rica, profunda e variada atenção à fala; em suas inflexões vernaculares e locais; em sua rica produção de contra narrativas; e, sobretudo, em seu uso metafórico do vocabulário musical, a cultura popular negra tem permitido trazer à tona, até nas modalidades mistas da cultura popular *mainstream*, elementos de um discurso que é diferente – outras formas de vida, outras tradições de representação (HALL, 2003, p. 342).

A constituição dessas tradições diaspóricas se destaca a partir de elementos como o estilo, muitas vezes considerado pela crítica cultural como mera embalagem e a música, considerada como estrutura profunda da vida cultural negra. Para Hall (2003), também integram essas tradições os corpos negros, percebidos como o único capital simbólico disponível e mobilizados como telas de representação. Assim, por meio da combinação de estilo, música e corpos, os nexos entre origens africanas e dispersões diaspóricas são acionados como os únicos espaços performáticos sobredeterminados pelo diálogo entre as heranças e as condições da diáspora. “A apropriação, cooptação e rearticulação seletivas de ideologias, culturas e instituições europeias junto a um patrimônio africano (...) conduziram a inovações linguísticas na estilização retórica do corpo, a formas de ocupar um espaço social alheio” (p. 343).

A arte e a música como base para transformação social de jovens estão presente também na reportagem exibida em 3/7/19 que aponta o trabalho da Organização do Auxílio Fraternal e do Neojibá (Núcleos Estaduais de Orquestras Juvenis e Infantis da Bahia) com crianças e jovens, em sua maioria negros (Fig.3). Com a frase “Jovem acolhida pela OAF muda de comportamento e faz parte do Neojiba”, o noticiário constrói uma ideia do “jovem como etapa problemática”, para “jovem como sujeito em preparação” (ABRAMO, 2005). Antes da voz de Jucinara, a professora dela, Ana Maria

Pessoa, inscreve a escola como instituição que avaliza a legitimidade da estudante: “eu acho até ela com um nível mais avançado para a série [em que está]. [N]Os projetos que a gente trabalhou na sala ela era a coordenadora que se interessava, que apresentava”. E a jovem de 16 anos confirma, em parte, a importância desse apoio, numa fala reticente: “eu não respeitava as pessoas. Eu tinha aquela revolta toda. Aí eu ouvi os conselhos... muitas pessoas...”.

Inscritas no relato jornalístico, as contradições emergem como contraposições que expressam a textura das lutas políticas. Ao comparar o passado com o presente, o repórter apaga a condição de vulnerabilidade social de Jucinara, que chegou à ONG aos 11 anos, e oculta também sua história ao suprimir o sobrenome dela para enaltecer a música como uma espécie de solução mágica e individual para os problemas sociais: “A menina de comportamento desafiador que saiu do município de Castro Alves sem conhecer nada sobre música clássica, hoje, é integrante de uma orquestra”. No entanto as disputas e tensões constituídas como contradições emergem no sobe som da apresentação de um trabalho escolar em que Jucinara aparece consciente dos nexos inscritos na história da escravidão colonial e o abandono social decorrente dela: “tanto pela lei quanto pela cultura social, durante muitas décadas após a abolição da escravatura de 1888”. É também por meio do corpo que a jovem negra performa a ancestralidade das matrizes africanas e diaspóricas, com a exibição de dreads que compõem o visual de seu cabelo, enquanto fala de um projeto de futuro que parece indicar a descrença na potência do presente no território em que vive: “penso em viajar para o exterior, penso em conhecer pessoas de outros lugares que falam línguas diferentes que eu não conheço”.

O Bloco Afro Ilê Aiyê, destacado na edição de 14/01/19, é uma forte referência desta constituição de grupos étnico-culturais. Identificado, no seu site oficial como “O mais belo dos belos”, se apresenta como o primeiro bloco afro do Brasil, nascido em Salvador em 1974. O telejornal apresentou uma matéria sobre o concurso de beleza para a escolha da Deusa do Ébano, promovido há 40 anos, como explica o fundador e presidente do Ilê Aiyê Antônio Carlos dos Santos, conhecido como Vovô do Ilê. No ao vivo da Senzala do Barro Preto, sede do Bloco Afro, sobre o concurso da Beleza Negra, enquanto a repórter narra do local a câmera se desloca em travelling para exibir a performance das 15 finalistas, acompanhadas pelos percussionistas que garantem o ritmo Ijexá que as embala.

Na reportagem sobre a festa da Beleza Negra, em 18/2/19 (Fig.4), a narrativa é feita por Josy Brasil, identificada como “a primeira cadeirante escolhida para ser a Muzenbela do bloco afro Muzenza”, em referência ao concurso de outro bloco afro. Na cabeça, a apresentadora Jéssica Senra também aponta a condição ‘de repórter especial por um dia’ e indica também a circunscrição daquela beleza ao carnaval baiano: “A mulher que representa a força, a beleza da mulher negra, no carnaval”. Como mulher negra, Josy tece cuidadosamente a teia da ancestralidade, valorizada pelo bloco, e destaca a matriarca como ‘musa inspiradora’, usando a beleza como referência de valor para apresentar a mãe do fundador do Ilê e criadora do concurso em 1979, quando tinha 56 anos. A denominação de ‘musa’ confere à Mãe Hilda, falecida aos 86 anos, em 2009, a figuração da beleza que é performada pelas candidatas e que se tornou uma espécie de símbolo, com uma marca identitária do Ilê. Após a exibição da reportagem a Deusa do Ébano, no estúdio a ‘repórter especial’ que também é comunicóloga vira notícia junto com a escolhida, Daniele Nobre, e parte da banda. Na fala da Deusa sobre seu objetivo, a linguagem explicita a luta política que é cotidiana no âmbito da cultura: “Incentivar mulheres negras como eu a não desistir, a procurar espaços no mercado de trabalho e ver o seu orgulho, se orgulhar do que você é”.

Fig. 3 – Jovem integrante da Neojibá



Fonte: <https://globoplay.globo.com/v/7678222>

Fig. 4 Noite da Beleza Negra no Ilê



Link: <https://globoplay.globo.com/v/7390636/>

Essa construção discursiva tensiona e desloca sentidos de depreciação, historicamente associados aos corpos negros, como parte das estratégias de dominação branca. Envolvidas em turbantes, com penteados sofisticados, enfeitados com miçangas, búzios e contas, vestidos com adornos e apliques, essas mulheres se contrapõem às posições inscritas nas imagens que constituíam, especificamente, as mulheres negras como objetos de exploração sexual, relacionadas à historicidade do processo de escravização. Ainda que os figurinos exibidos na festa e no estúdio componham o exótico de um “corpo-povo” (MARTÍN-BARBERO, 2018) presente no carnaval, que sustenta os

vínculos com as matrizes africanas, há, também, um deslocamento em relação à erotização, em que “o sujeito negro se torna a personificação do sexualizado, com um apetite sexual violento: a prostituta, o cafetão, o estuprador, a/o erótica/o e a/o exótica/o” (KILOMBA, 2019, p. 79). Sem a materialidade da exposição das curvas nos corpos femininos negros, os enquadramentos, movimentos de câmera e a edição das imagens valorizam as performances da dança das candidatas, da comunidade que realiza no palco rituais vinculados ao candomblé e da interação com o público que lota a Senzala do Barro Preto.

Considerações Finais

Neste artigo, o esforço foi refletir teoricamente e analisar as contradições como marcas da espessura da luta política que opera no âmbito das produções comunicacionais. Longe de uma visada polarizada que considera a produção da mídia hegemônica de modo homogêneo, como mera repetição de interesses, valores e práticas que operam na sustentação de limites e pressões, o texto acompanha a perspectiva assumida por pesquisadores dos estudos culturais aponta a potência da luta que se dá na cultura.

Com o objetivo de identificar embates entre sentidos e valores na constituição de experiências juvenis nas coberturas jornalísticas que se afastam da editoria de polícia, na qual a dissertação (JORGE JÚNIOR, 2020) encontrou a predominância de uma configuração marcada pela necropolítica, a análise se voltou para a observação daquelas notícias que seriam consideradas, antecipadamente, positivas. O foco, então, voltou-se para assuntos como Educação e Mundo do trabalho e Arte e cultura, que, embora tenham respondido por menos de 50% das notícias, com 14 dos 30 registros, apontavam para a ocorrência de maior tensão na constituição dos discursos. No entanto, os achados sustentam a compreensão de que, mesmo quando jovens são vinculados a discursos que remetem a experiências sociais de maior valor social, são acionadas sensibilidades contraditórias.

Diante da busca por identificar construções narrativas do campo do telejornalismo, portanto das audiovisualidades, que não apenas viabilizassem corpos juvenis e negros como ameaçadores e causadores de pânico social, percebemos algumas figuras de escape, que tensionam e ocupam espaço na discursividade hegemônica. Nesse exercício analítico identificamos a presença do corpo jovem como ser em formação, em preparação para assumir funções na engrenagem capitalista do mundo contemporâneo. Aqui a condição juvenil continua bastante controlada e formatada a partir das expectativas

criadas em torno da condição estudantil, mas ainda assim é bastante diferente da condição desumanizada oferecida no contexto das narrativas sobre violência e segurança pública.

Outra dimensão de disputa foi na construção de jovens negras no campo da arte e da cultura. Ainda que as análises das produções telejornalísticas indiquem o movimento de regulação do espaço no qual jovens constroem um lugar social, emergem também as disputas que enunciam deslocamentos, críticas, desejos e projetos de futuro. Acolhida por uma instituição social, a jovem Jucinara na OAF desenha com seus dreads, com o pensamento crítico acerca do racismo e com a dedicação à música uma rota para um devir. Ali escapa à hegemonia da narrativa audiovisual uma potência juvenil que atua contra o discurso que oculta o racismo estrutural e a precariedade imposta à juventude negra e pobre. Numa dinâmica ainda mais vigorosa, as jovens negras no Ilê Aiyê atuam no deslocamento da constituição dos corpos femininos que performam os nexos entre heranças africanas e as condições diaspóricas. Na amostra, a cobertura da escolha da Deusa do Ébano exhibe imagens que emergem com outras referências de beleza para mulher negra.

Referências bibliográficas

ABRAMO, Helena. O uso das noções de adolescência e juventude no contexto brasileiro. In: FREITAS, Maria Virgínia (Org.). **Juventude e Adolescência no Brasil**: referenciais conceituais. São Paulo, Ação Educativa, p. 19 -35, 2005.

ALMEIDA, Sílvia. **Racismo estrutural**. Coleção Feminismos Plurais. São Paulo: Letramento, 2018.

COLLINS. Patrícia Hill. **Pensamento feminista negro**: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. Tradução Jamille Pinheiro Dias. São Paulo: Boitempo, 2019.

ESCOSTEGUY, A. C. Jornalismo e Estudos Culturais: uma perspectiva cultural. In: GOMES, Itania (Org.). **Análise de telejornalismo: desafios teórico-metodológicos**. Salvador: EDUFBA, 2012.

HALL, Stuart. Que negro é esse na cultura negra In: SOVIK, Liv (Org.). **Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais**. Belo Horizonte: Editora: da UFMG, Brasília: Rep. Da UNESCO, 2003.

GOMES, Itania Maria Mota. **Gêneros Televisivos e Modos de Endereçamento no Telejornalismo**. Salvador: EDUFBA, 2011.

GUTMANN, Juliana Freire. **Formas do Telejornal** - um estudo das articulações entre valores jornalísticos e linguagem Televisiva. Tese de Doutorado. UFBA, 2012

JORGE JÚNIOR, Mário. **Juventude Negra na Televisão Baiana**: uma análise dos discursos e sentidos nos telejornais da TV Bahia e Record TV Itapoan. Dissertação defendida em 2020, no Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação** - episódios de racismo cotidiano. Tradução Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos Meios às Mediações**. Comunicação, Cultura e Hegemonia. 2ª Edição, Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

_____. **Comunicação e mediações culturais**. Entrevistador: Claudia Barcelos. Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, São Paulo, v. 23, n. 1, p. 151-163, jan./jun. 2000. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/revistaintercom/article/view/2010/1788>
Acesso em: 21 mai 2019.

_____, Jesús. **Ofício de Cartógrafo** - Travessias latino-americanas da comunicação na cultura. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. Tradução Renata Santini. São Paulo: n -1 Edições, 2018.

SODRÉ, Muniz. **Claros e escuros: identidade, povo e mídia no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1999.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e Literatura**. São Paulo: Zahar, 1979.